

REVISTA DO BRASIL

(FUNDADA EM 1916)

Direcção: OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

SUMMARIO

AUGUSTO F. SCHMIDT — Mauriac, Lorca e a eternidade do theatro	225
LEWIS HANKE — A applicação do Requerimento na America Hespanhola	231
LUCIA MIGUEL PEREIRA — Gonçalves Dias	249
MURILO MENDES — Igreja mulher	259
EUGENIO GOMES — Clemencé Dane	262
ARTHUR RAMOS — Notas psychologicas sobre a vida cultural brasileira	270
OLIVIO MONTENEGRO — A arte de ensinar	277
ALMIR DE ANDRADE — O homem e o Universo	283
ALBERTO DE PAULA RODRIGUES — Aspectos brasileiros da crise economica alimentar	292
EDUARDO FRIEIRO — Autores mineiros do passado	297
PESQUIZAS E DOCUMENTOS — Gonçalves Dias e o Marquez de Abrantes	301
MOVIMENTO LITERARIO DA FRANÇA — Renascimento da tragedia	303
SCIENCIAS — Mestiçamento e Eugenia	308
NOTAS E COMMENTARIOS	315
CHRONICA MUSICAL	318
ARTES PLASTICAS	320
A' MARGEM DE REVISTAS ESTRANGEIRAS	322
LIVROS	326

CHRONICAS DE

ROBERT GARRIC, OCTAVIO DOMINGUES, MARIO DE ANDRADE, SANTA ROSA, LUIS JARDIM E ALMIR DE ANDRADE

SETEMBRO - 1988

Anno I

3.^a phase

N.º 3

A ARTE DE ENSINAR

Parece-se muito a arte do professor e a do medico — a arte de ensinar e a de curar. São as duas unicas profissões onde a ausencia de modestia não constitue propriamente uma indelicadeza, um desafio ao nosso amor-proprio. O ligeiro ar de charlatanismo que adhere a ellas como uma farça, não é uma farça — é o seu ar proprio, natural, efficaz e unico. Todo o bom professor tem que ser o seu tanto presumpçoso, exprimir-se, ainda que involuntariamente, em tom dogmatico, desde que não se exprime nunca para se pôr em prova, mas para convencer, ensinar.

Não vejo razão em Remy de Gourmont quando insiste, como no "Chemin de Velours", que "a bagagem que constitue a instrucção é quasi unicamente feita de crenças. Ensinam-se as letras como um cathecismo. Todo o professor é munido de um arsenal de aphorismos; o adolescente que não se deixa penetrar por elles bem no coração é desprezado".

Que queria Remy de Gourmont que fosse a escola, ou que queria Remy de Gourmont que fosse o professor? Seria que elle fosse imaginar toda a escola uma Academia de Platão onde só repercutissem as idéas geraes, e todo o professor fosse um agente de duvidas, ou um excitador diabolico de suggestões que se renovassem sempre sem nunca se definirem numa forma sensivel de verdade? Mas se isto fosse possivel acabar-se-ia o professor e desapareceria o alumno. E' um engano pensar-se que o melhor professor é o que mais suggere, o que excita mais voluptuosamente a curiosidade e a imaginação do alumno, o que mais promette em nome da vida: o melhor professor não é o que mais suggere; é antes o que mais explica e ensina; não é o que mais promette e sim o que mais realiza em licções de coisas e de factos. Como tambem não é a criança, o menino de oito e dez annos de idade, o alumno mais difficil de tratar; mas o adolescente, o rapaz de dezeseis e dezoito annos, — na idade quando o espirito se abre para a vida com a mesma confiança

e a mesma avidéz de idéas logicas que têm as crianças em relação ás imagens plasticas de toda a sorte.

As crianças na contradicção estão como num reino de fadas. Estão como no Céu. Não assim os jovens da primeira adolescencia, os que já começam a presentir uma relação de ordem, uma vontade de harmonia, uma tendencia logica no meio da disparidade e multiplicidade de todas as formas. Nesta phase da vida toda a contradicção fere como um peccado mental grave, e toda a duvida desaponta mais do que a peor negação. É a idade das grandes esperanças e dos grandes enthusiasmos, idade de uma sinceridade terrível que soffre de toda a incerteza, e não tolera a duvida mais prudente.

O que H. G. Wells conta no seu livro esplendido "Autobiography", das reacções intellectuaes e moraes da sua vida de collegio, da impressão que lhe deixavam certos professores, não é um facto particular apenas dos bem dotados, mas um facto que em maior ou menor gráo pode se observar na maioria dos adolecentes.

Huxley foi professor de Wells, e Wells então diz-nos da admiração, do enthusiasmo, da confiança que o ensino desse illustre sabio despertava nelle tanto como na maioria dos seus companheiros. Huxley sobre as bases da sua Biologia — que elle transformava em uma sciencia omnipotente, como é aliás a tendencia de todo o especialista — erguia para os seus alumnos a estructura completa do universo — pelo menos do mundo organico, desde a cellula originaria de toda a vida até o homem. É essa visão monumental das coisas que não deixa espaço por onde se escapula uma duvida é o que encanta o alumno, tanto mais se é dito com clareza e ordem.

Já de outros professores Wells não teve a mesma impressão. Nem podia ter. Dos seus professores de Geologia e de Physica, sobretudo. Elles não sabiam projectar a sua sciencia com o mesmo sentido totalitario, o mesmo espirito imperialista do primeiro. Eram de uma grande avareza de alma para honrarem a sua sciencia de uma concepção philosophica qualquer. Porque, mesmo hoje, a idade tecnologica por excellencia, não basta apenas a noção objectiva, material, unida ao facto como á sua propria carne. Não basta o conhecimento particular. É preciso que sejam systematicas essas noções, e que ellas levem a mais completa definição das coisas — façam um qualquer appello ao espirito do adolescente. Ainda que se evitem as idéas abstractas. O que se entende.

Não ha nada tão perigoso como as idéas abstractas. Toda idéa abstracta é susceptivel de varias interpretações ao mesmo tempo, de varios sentidos — uma luz enfim de muitos reflexos e que encandeia as vistas menos agudas e fortes. Ella é uma força de suggestão, uma fonte de excitamento intellectual, mas não é um elemento pratico de convicção, um meio facil de certeza, uma nutrição que possa regalar as necessidades de imaginação que sempre se fazem sentir na adolescencia entre os ideaes mais praticos de vida. O materialismo tem a vantagem de facilitar um plano synthetico de vida universal facil ao alumno de abarcar de um golpe. O plano pode ser falso mas a perspectiva ideal é simples, e isto é o que inquieto a todo o joven estudante que não seja completamente sem espirito; não entre para a escola atraz apenas de aprender um officio, de ser uma machina de ganhar dinheiro. Interessa-lhe uma vista geral das coisas. Esta vista geral é que cabe a quasi todo o professor descobrir para o alumno. E elles acabam tomando sempre a sua especialidade como o ponto ideal de referencia. Refiro-me aos verdadeiros professores, os que têm o orgulho e o enthusiasmo da sua carreira. O enthusiasmo que nasce de uma convicção sagrada, de que não pode prescindir nenhum verdadeiro professor, tanto ella é um elemento necessario de contagio na classe. Ao professor não basta dizer, não basta explicar: é preciso dizer sem nenhuma hesitação, explicar como se a contingencia do erro não o attingisse. Dahi talvez ser tão commum a um velho professor tratar todo o mundo como se fosse seu alumno. Conversando, escrevendo, falando de publico o seu dogmatismo de opinião tem a mesma solemnidade magistral. Affirmar é o seu officio. A escola é um centro de affirmação. O alumno quando se decide a uma escola de altos estudos é atrás de certezas que o orientem em todas as suas necessidades moraes e sociaes de vida, e tudo o que se oppõe a esse resultado causa-lhe o effeito de um logro.

Para duvidar o alumno não precisa de mestres. Para elle mesmo escolher entre varios caminhos, acertar entre varias hypotheses, decidir entre varias opiniões não precisa de um regimen escolar.

Não sei porque nunca achei muito justo o desdem de Nietzsche pelas seus alumnos, mais que desdem, indignação e desprezo. Os alumnos, contam os biographos de Nietzsche, não o comprehendiam, e se deixavam ficar muito para atrás das suas licções, com uma physionomia dormente e vaga como se tivessem saído de um somno lethargico. Nietzsche queria en-

sinar como escrevia e pensava — menos preocupado com o facto do que com a idéa, com a precisão didáctica do que com a verdade philosophica, de uma abstracção infinita. Nietzsche acaba por sentir-se só e ridiculo nas aulas, passando afinal a outra a sua cadeira. Apenas não foi vaiado, e indelicadamente despedido como Gogol, o grande Gogol da Russia. O homem que, se nos seus romances creava um sentido novo e mais profundo á vida, na cathedra o seu genio sumia-se como esterilizado pela disciplina do raciocinio pedagogico. E essa disciplina é absolutamente necessaria. O genio do professor é o genio da definição, que é um genio muitas vezes capaz de devorar a vida, mas que nunca falta a uma precisão irresistivel de pensamento.

Não me lembra o livro de Claude Bernard onde elle diz que se soubesse alguma coisa a fundo saberia tudo. Claude Bernard nesta phrase revela-se de um temperamento nitidamente opposto ao do professor. O professor é justamente o homem que sabendo alguma coisa, mesmo sem ser a fundo, deve deixar a impressão de saber tudo. Esta impressão aliás elle não a procura crear por desejo euphorico de apparecer, de se mostrar, mas pela necessidade de officio, pela intuição que o professor não deve perder do seu papel. O alumno de ordinario é como o doente ao pé do medico; elle não se satisfaz com a esperança de se salvar; quer a certeza da sua salvação. Sempre suppõe quasi todo o alumno — independente mesmo da virtuosidade exterior do mestre — que o professor não ignora nada do que elle se propõe ensinar, e tudo o que sabe e ensina deve prender-se intimamente aos seus ideaes de vida, e clarificar-los de uma luz esplendida. E quando o professor falta a essa expectativa o alumno se isola.

Mas seja como fôr não se pode negar que a influencia de qualquer bom professor no espirito do alumno é incomparavelmente superior á do livro, do melhor livro, do mais vivo em gravuras, e do mais rico em detalhes. O professor triumpho poderosamente sobre o livro na memoria e na sensibilidade do alumno. O que o alumno leu no livro esquece mais facilmente do que aquillo que elle ouviu do professor. No livro difficilmente uma noção não se mistura a outras collateraes ou não exige para uma assimilação fecunda um esforço por parte do alumno que a palavra, o gesto, o suggestão pessoal do professor economizam admiravelmente. O professor como representa a mesma noção numa forma orchestral. Mesmo na idade adulta, mesmo na velhice, nunca o individuo perde a memoria dos seus primeiros ensinamentos quando elles lhe foram conscienciosa-

mente ministrados. Quando lhe foram ministradas por um professor que sabe o valor suggestivo de certas particularidades de attitudes e de voz, aquellas que adherem a um certo pensamento como a vestimenta ao corpo. Todo o professor deve saber que alma cheia de poros é a do adolescente, e a sensibilidade ansiosa de repercussões que o possui para não pesar o effeito das suas palavras e dos seus gestos.

Não sei de professor de verdade que não se sinta attrahido pela sua classe. A lição nunca envelhece para elle, nunca lhe parece um acto de repetição, um saber todo o dia requentado no banho-maria de phrases mais novas, ou de noções outras de ultima hora. Ah, nunca. A verdade não envelhece, não cria rugas, não se torna inhospita nem mais feia com o tempo e o uso, é o que dirão todos os verdadeiros mestres. Ao legitimo professor não é a phrase, o estylo, a maneira brilhante de exprimir o que interessa; mas é a maneira persuasiva e logica com que a verdade parece resaltar dos seus labios como da sua fonte mais pura. E tudo como se obedecesse ao mysterio de uma revelação.

Não sei que momento de uma alegria mais justamente feliz para o professor do que quando elle pode gozar a surpresa e o encanto dos seus alumnos pela aula. Acompanhar na physionomia e no olhar deliciados dos alumnos o effeito fecundativo da sua lição. Decifrar a somma de aproveitamento da aula pela somma de emoção que se reflecte na attitude concentrada e na attenção avida de todos os jovens. A sensação que afinal fica é de dominio. Uma superioridade como a do domesticador.

E o que é mais curioso, de uma curiosidade como de paradoxo, é que apesar de todo esse esplendor de formas, de toda essa dignidade de attitude, de todo o ar nobremente scientifico que deve cercar o professor como uma aureola — apesar de tudo isto no fundo o professor é sempre um homem capaz de grandes renunciias. Humilde. A ausencia de modestia que falamos no começo pertence á função do magisterio e não propriamente ao homem. Porque não é verdade que quem ensina aprende duplamente. Quem ensina aprende para os outros apenas e não para si, digo o professor de vocação, e que tem em ensinar o seu proposito constante e invariavel de vida. Este tudo o que lê, ou observa ou sabe é com o pensamento immediato de passar aos seus alumnos, e da melhor maneira de passar. Porque o methodo é o grande segredo do professor, é o seu fio de Arianna, o seu cabelo de Samsão. Elle nunca aprende por isto despreoccupadamente, á vontade, para seu gozo pessoal e unico. A'

medida que novos conhecimentos vêm se ajuntar aos velhos elle os vae mentalmente arrumando em quadros, agrupando-os em classes, ordenando-os ou reduzindo-os em diagrammas, adaptando-os enfim pedagogicamente, como se esses conhecimentos não lhe pertencessem senão para um certo e determinado uso.

OLIVIO MONTENEGRO